



António Simas Santos

Meter Baixa

Tem vindo a ganhar importância crescente, nos meios laborais, a expressão “meter baixa”, um neologismo que, basicamente, significa obter, a pedido, um certificado de baixa médica por supostos problemas de saúde, incompatíveis com o exercício da profissão.

Uma expressão coloquial que significa a solicitação de uma licença médica ou atestado de saúde, invariavelmente acontecendo nos serviços de urgência, e que se tem vindo a tornar numa ferramenta para suspender um relação de trabalho ou dirimir um conflito de trabalho.

Ou seja, a baixa médica tem vindo, de forma extraordinariamente frequente, a tornar-se num expediente utilizado para subverter ou, se se quiser, dinamitar um direito que, sendo inquestionável, não se compadece com a fraude. Fraude que conta, obviamente, coma aquiescência de um médico.

Sendo vulgar a farsa “então vou meter baixa” que se tornou o pão de cada dia nas relações laborais. E sendo, simultaneamente, um assunto muito delicado porque envolve uma classe profissional que aceita muito mal esse tipo de críticas, refugiando-se no seu intocável estatuto profissional.

Admitindo que a grande maioria dos médicos não age por dolo ou compadrio, verifica-se um extraordinário facilitismo na concessão de baixa nos serviços de urgência que, pela sua natureza, se deveriam limitar a

baixas muito reduzidas, deixando para os médicos de família a avaliação final do estado de doença e incapacidade para o trabalho.

Baixas que, frequentemente, atingem os doze (12) dia ou mais e que são pagas pelo erário publico. Qualquer pessoa sensata percebe que isto não é normal e quem não conhece casos destes que claramente não tem qualquer fundamento real, mas apenas decorrem de - tantas vezes toscas - simulações?

Como é obvio não se põe minimamente em causa o direito dos cidadãos ao descanso em caso doença e a tudo a quem têm direito. Simplesmente a política de concessão de baixas em urgência deveria ser fortemente restringida e objecto de uma fundamentação robusta.

Há quem, em época alta, já contracte pessoal a mais para obstar a essas “baixas sazonais”. Como é o caso, a título de exemplo, de um hotel local que tem, simultaneamente, cinco (5) jovens funcionários de baixa, causando uma disrupção inultrapassável nos serviços que presta.

É tempo de ter coragem para chamar os bois pelos nomes e sensibilizar quem de direito para este problema que está, alias, em linha com a nossa cultura de brandos costumes, de faz-de-conta e indiferença, mas que mina a credibilidade das instituições e abre portas a vícios intoleráveis.

Não nos cabe julgar ninguém, mascertamente, temos o direito e o dever de dar voz àquilo de que muito falam, em surdina.



Andreia Gomes*

Criopreservação das células estaminais: Ter um plano B salva vidas

Conservar ou não conservar é a dúvida que paira entre os pais que são confrontados com as potencialidades clínicas das células estaminais do sangue do cordão umbilical. Entre argumentos como a possibilidade de tratar mais de 80 tipos de doenças e de terem sido realizados mais de 60 mil transplantes ao longo de três décadas, compensa examinar o percurso e vantagens de se começar a traçar um plano B na saúde, logo ao nascimento.

O primeiro grande marco da história da criopreservação das células estaminais data o ano de 1988, quando foi realizado o primeiro transplante de sangue do cordão umbilical, no Hospital Saint-Louis, em Paris. Este transplante foi realizado numa criança de cinco anos, Matthew Farrow, portador de Anemia de Fanconi, uma doença hematológica rara que leva à insuficiência da medula óssea e, portanto, com uma elevada taxa de mortalidade.

Atualmente, já adulto, o paciente encontra-se totalmente curado, mas sem o sangue do cordão umbilical da sua irmã a história teria tido outro desfecho. Em Portugal, só se começa a encarar esta hipótese já perto da mudança do século, quando é realizado o primeiro transplante, em 1994, no IPO de Lisboa, mas desde aí os resultados de sucesso não têm parado.

O transplante de sangue do cordão umbilical apresenta características 100% de compatibilidade com a própria pessoa e com os irmãos apresenta 75% de hipótese de ter algum tipo de compatibilidade (25% de compatibilidade total e 50% de compatibilidade parcial).

Assim, as células estaminais do sangue do cordão umbilical, quando conservadas, podem tratar doenças como leucemias, linfomas, anemias, doenças hereditárias do sistema imunitário, doenças metabólicas hereditárias e oncológicas. Apresentam ainda resultados no âmbito da Medicina Regenerativa, em condições do foro cardíaco, Alzheimer e Parkinson.

Existem sempre novos casos de sucessos a surgirem, mesmo em adultos. Como por exemplo, o caso anunciado pela Organização Mundial de Saúde como “Primeiro caso de cura de VIH após transplante de células estaminais.” Este ano foi divulgado que uma mulher de meia-idade de ascendência mestiça desenvolveu Leucemia Mieloide Aguda de alto risco após 4 anos de ter sido diagnosticada com sida. Em 2017, foi realizado um transplante de células estaminais do cordão umbilical que apresentavam uma mutação que

confere resistência ao vírus da sida. Este transplante foi complementado com a doação de medula óssea de um parente adulto. Após 100 dias do transplante, esta paciente não apresentava HIV detetável e após 37 meses do transplante, a paciente interrompeu a terapia. Desta forma, podemos ver que o sangue do cordão umbilical pode também ser aplicado em combinação com outros transplantes e terapias como neste caso. É de facto importante sublinhar, que neste caso, foi pela particularidade das células estaminais do cordão umbilical não necessitarem de compatibilidade rigorosa e apresentarem resistência ao HIV que esta a paciente teve a hipótese de ser curada da leucemia e sida.

No entanto, a lista de terapias não termina por aqui e adiciona-se ainda o facto de o tempo não ser um fator de risco, já que existe uma disponibilidade imediata para recorrer às amostras de sangue e tecido. Destaca-se que tanto para a mãe como para o filho, a colheita é não invasiva e indolor e segura, além de que a recuperação pós-transplante tem um bom prognóstico, especialmente nas terapias com o próprio sangue, onde não existe qualquer perigo.

Este é o caso de Salvador, um menino autista português com seis anos, que fez um tratamento inovador, através de um procedimento com as suas células estaminais. A sua mãe, Liane Paixão, refere que, apesar dos resultados serem só visíveis após seis meses a um ano, ao fim de cerca de dois a três meses começou a notar melhoria dos sintomas de hiperatividade e que, entretanto, começou a falar.

Por este motivo, importa refletir que prevenir é melhor que remediar, quando falamos do nosso bem-estar e da nossa família. Nunca se sabe quando os problemas de saúde vão bater à porta e nem sempre os tratamentos convencionais são suficientes. Guardar ou não guardar o sangue do cordão umbilical? A resposta está a cargo de cada mãe e pai, contudo, é impossível ignorar os benefícios desta alternativa.

* Diretora Técnica e de Investigação e Desenvolvimento e Inovação da Bebé-Vida